



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1202

Crítica literária, exílio e política na revista *Literatura Chilena en el Exilio*: reflexões a partir das resenhas bibliográficas

Raphael Coelho Neto
Mestrando em História e Culturas Políticas (UFMG)

Literatura Chilena en el Exilio (1977-1980) foi uma revista cultural, de forte caráter político, fundada e dirigida no exílio em Los Angeles, EUA, no contexto da ditadura militar no Chile, pelos escritores e críticos literários Fernando Alegría e David Valjalo, ambos ex-integrantes do governo de Salvador Allende. Essa publicação trimestral divulgou, amplamente, em suas páginas, crítica e textos literários de resistência política que, por vezes, difundiram ideias, discursos e valores vinculados às culturas políticas de esquerda no Chile. Entendemos, por *cultura política*, com base nos estudos de Serge Berstein e Rodrigo Patto Sá Motta, um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas compartilhado por determinado grupo, expressando, dessa forma, identidades coletivas, fornecendo leituras e modos de ver comuns do passado, bem como para projetos futuros. Assim, o objetivo desta proposta de comunicação consiste em analisar as relações entre literatura, exílio e política nas resenhas de livros publicadas em *Literatura Chilena en el Exilio*. Tendo esse impresso como fonte e objeto de pesquisa, estabelecemos como central em nossa apresentação refletir de que maneira as resenhas críticas analisadas dialogaram com o *editorialismo programático* da revista. A expressão *editorialismo programático* foi cunhada por Fernanda Beigel, referência metodológica nos estudos sobre revista cultural, e compreende a linha editorial política e militante de determinado periódico, associada a suas projeções artístico-culturais. De antemão, apresentamos que a crítica literária chilena, publicada em *Literatura Chilena en el Exilio*, no afã de se opor ao governo de Augusto Pinochet, deu especial atenção à literatura política de caráter testemunhal produzida tanto no exílio quanto no Chile.

Palavras-Chave: *Literatura Chilena en el Exilio*; Exílio; Crítica Literária; Editorialismo Programático; Culturas Políticas

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Com seu primeiro número lançado em janeiro de 1977, *Literatura Chilena en el Exilio* foi uma revista chilena cultural e política, trimestral, publicada no exílio em Los Angeles, nos Estados Unidos, pela editora *Ediciones de la Frontera*, no contexto

da ditadura militar no Chile. Inicialmente chamada *Literatura Chilena en el Exilio*, a revista foi fundada e dirigida pelo novelista, poeta e crítico literário chileno Fernando Alegría,¹ e contava também com outro poeta chileno, David Valjalo,² como seu cofundador e editor. Dispunha, ainda, dos escritores e críticos literários chilenos Jaime Concha e Juan Armando Epple no conselho editorial, ambos exilados nos Estados Unidos, país no qual construíram importante trajetória acadêmica como professores universitários. A história da revista pode ser dividida em dois momentos: o primeiro vai de janeiro de 1977 a abril de 1980, quando, até o 14º número, era denominada *Literatura Chilena en el Exilio*; o segundo iniciou-se no primeiro trimestre de 1981, quando o impresso passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, seguindo sua publicação até 1994. Com o fim da ditadura, as edições de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, do nº 51 ao 58, foram publicadas em Santiago de Chile. No entanto, interessa-nos analisar suas edições de 1977 até 1980, período em que a revista manteve-se sob a direção de Fernando Alegría, ainda com a denominação de *Literatura Chilena en el Exilio*. Embora *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, em nossa pesquisa de mestrado, seja também objeto de estudo, optamos por não contemplá-la neste trabalho por não termos ainda uma investigação mais consistente a respeito dessa segunda fase da revista, quando David Valjalo assume a direção, sem a presença de Fernando Alegría.

¹ Fernando Alegría (1918-2005) foi narrador, poeta, ensaísta e professor universitário. Pertenceu à *Geração Literária de 1938*, que se notabilizou pela abordagem temática acerca dos problemas sociais e políticos nas obras dos escritores que a compuseram, muitos deles marxistas. Alegría, não obstante tenha recebido reconhecimento nacional por suas novelas e suas poesias, teve sua narrativa marcada pelos estudos biográficos de dois personagens da esquerda chilena: Luis Emílio Recabarren e Salvador Allende. Com o presidente socialista chileno, de quem foi amigo, trabalhou no governo da Unidade Popular (UP) como agregado cultural na embaixada do Chile em Washington, Estados Unidos, até o golpe de 1973. Permaneceu nos EUA durante a ditadura de Augusto Pinochet. Informações disponíveis em: <http://www.memoriachilena.cl>. Acesso em 25/06/2013.

² David Valjalo (1924-2005), também responsável pela direção da revista *Literatura Chilena en el Exilio*, foi poeta, narrador e ensaísta, adquirindo maior destaque na poesia e na crítica literária através de obras como *Poemas de la resistencia* (1985), sua visão poética sobre o exílio, e *Antología de poesía chilena, a través del soneto* (1988). Nos Estados Unidos desde 1959, criou e manteve a editora *Ediciones de la Frontera*, voltada para a publicação da literatura chilena no exílio e da revista *Literatura Chilena en el Exilio*. Como Fernando Alegría, ele também trabalhou no governo de Salvador Allende, exercendo a função de *Adido Cultural* na Califórnia, Estados Unidos, onde permaneceu após o golpe militar de 1973. Ver: LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. David Valjalo. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Santiago, n. 52 al 54, 1990, p. 137-138; WYMAN, Eva Goldschmidt. *Los poetas y el general: voces de oposición en Chile bajo Augusto Pinochet* (1973-1989). Santiago: LOM Ediciones, 2002, p. 463.

Literatura Chilena en el Exilio foi receptiva à grande parte da produção literária chilena do pós-golpe, a do exílio e aquela que chegava clandestinamente do Chile para sua redação nos Estados Unidos. Embora não a definamos como uma revista estritamente literária, a literatura certamente mereceu destaque significativo em suas páginas, sobretudo a de caráter político.

Assim, como objetivo central desta proposta de trabalho, buscaremos analisar as relações entre literatura, exílio e política a partir das resenhas de livros publicadas em *Literatura Chilena en el Exilio*. Tendo esse impresso como fonte e objeto de pesquisa, estabelecemos como central em nossa apresentação refletir de que maneira as resenhas críticas analisadas dialogaram com o *editorialismo programático* da revista.

Por *editorialismo programático*, com base na proposta teórica e metodológica de Fernanda Beigel, compreendemos a linha editorial política e militante de determinado periódico. Essa ideia, embora brevemente desenvolvida por Beigel, nos é extremamente importante na medida em que pressupõe a articulação entre política e literatura. Dessa maneira, torna-se importante para nós pensarmos de que modo tal articulação poderia materializar-se, por meio de *Literatura Chilena en el Exilio*, em novas formas de difusão cultural atreladas a aspirações políticas, por vezes revolucionárias.³ Ressaltamos que a ideia de editorialismo programático nos permitirá entrelaçar o projeto coletivo de *Literatura Chilena en el Exilio* com a literatura e a crítica literária publicada nelas.

Pautadas pela resistência política à ditadura, as obras de caráter testemunhal, denominadas *testimonios*, foram, na revista, o principal meio, do ponto de vista da crítica literária, para a veiculação da denúncia, da oposição e da memória dos escritores em relação ao governo autoritário de Augusto Pinochet. Através da crítica literária, predominantemente chilena, importa-nos perceber como os colaboradores de *Literatura Chilena en el Exilio* analisaram o gênero *testimonio* e, de maneira latente, como conceberam a função do intelectual.

As revistas culturais constituem-se em instrumento imprescindível para o estudo dos movimentos ocorridos no âmbito literário de determinado país ou região,

³ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopia y Praxis Latinoamericana*. Maracaibo, año 8, n. 20, marzo 2003, p. 108.

em dado momento histórico. Elas oferecem-nos com maior abrangência e dinâmica as inovações estéticas, temáticas e ideológicas de escritores ou de movimentos literários, em seu sentido mais lato. Nesses impressos são debatidos os temas da atualidade, fornecendo-nos uma visão ampla da dinâmica de atração e rechaço entre os grupos literários. Pensamos que as revistas de cultura e política, como *Literatura Chilena en el Exílio*, são instrumentos ideais para o estudo dos debates da crítica literária, como defendeu Roxana Patiño, ao apontar que cada época constrói um desenho particular das relações da crítica com os outros discursos e com os espaços de circulação desses discursos.⁴ Enquanto projetos coletivos, torna-se importante perceber que as revistas, de maneira geral, proporcionam o compartilhamento de ideias, discursos, personagens e visões de mundo que, no caso de *Literatura Chilena en el Exilio*, estiveram voltados para os valores das culturas políticas de esquerda no Chile.

De acordo com Serge Berstein, a *Cultura Política* corresponde a um sistema de representações compartilhadas por um grupo que, interiorizado, determina as motivações do ato político.⁵ Uma cultura política compreende um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas compartilhado por determinado grupo, expressando, dessa forma, identidades coletivas, fornecendo leituras e modos de ver comuns do passado, projetando-se também para o futuro.⁶ O conceito de *representação*, essencial para o entendimento das culturas políticas, é interpretado como “um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia”, podendo mobilizar “mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual”.⁷ As revistas podem ser pensadas como importante vetor, do ponto de vista prático, no processo de consolidação de perspectivas associadas à determinada cultura política.

A questão da resistência e da oposição política, ressaltada pelas resenhas críticas das obras produzidas naquele momento político autoritário, vinculou-se, em

⁴ PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs). *Modernidades alternativas na América Latina*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 461-462.

⁵ BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e Historiografia. In: MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO, Cecília (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-47.

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 21.

⁷ *Ibid.*, p. 21-22.

grande medida, a visões de mundo, ideais e personagens historicamente ligados às esquerdas chilenas.

Crítica literária e resistência política: análise das resenhas bibliográficas em *Literatura Chilena en el Exilio*

Em *Literatura Chilena en el Exilio*, as resenhas das obras publicadas, no contexto da ditadura militar no Chile, encontravam-se na seção *Libros*, situada nas páginas finais da revista. Em seu primeiro número, os livros divulgados e brevemente analisados pelos editores da revista situavam-se ou mantinham alguma correspondência com o gênero que a crítica chilena, boa parte dela presente em *Literatura Chilena en el Exilio*, caracterizou e ajudou a consagrar como *testimonio*.

Não necessariamente pertencente a esse gênero, mas com forte teor político em sua trama, *Soñé que la nieve ardía*, do importante intelectual chileno Antonio Skármeta,⁸ foi assim sintetizado e comentado pela crítica: “En el marco de una cancha de fútbol y una casa de piensión [el libro] presenta un microcosmos del medio siglo chileno y sugiere las razones esenciales del descalabro del 73”. Na sequência, comentou-se que “esta novela suelta al aire las quejas de una derrota y las recoge y las convierte en imágenes de un pueblo inalterablemente dispuesto a reconquistar la libertad que le usurparan”.⁹ A resenha dessa obra não se estendeu muito além desses breves comentários, que, basicamente, remetem explicitamente ao golpe militar no Chile e à resistência do povo chileno - ou pelo menos parte significativa dele -, ao lutar contra a repressão e a violência política que ora se instalavam no país.

⁸ Antonio Skármeta foi ligado politicamente ao MAPU (*Movimiento de Acción Popular Unitaria*), vertente radical originária e dissidente do Partido Democrata Cristão. Exilado em Berlim Ocidental desde 1974, publicou, durante sua experiência no exílio, obras que vieram a ter importante reconhecimento no Chile e no exterior, como *Soñé que la nieve ardía* (1975), *No pasó nada* (1980), *La insurrección* (1981) y *Ardiente paciencia* (1985), todas com explícitas referências políticas ou tendo como pano de fundo o governo da UP, o golpe militar de 1973 e a condição exílica. NITSCHACK, Horst. El sujeto del exilio. Ver SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier. La patria interrumpida: latinoamericanos en el exilio (siglos XVIII-XX). Santiago: LOM Ediciones, 2010, p. 231-240; LAZZARA, Michael J. *Los Años de Silencio: Conversaciones con narradores chilenos que escribieron bajo la ditadura*. Santiago: Editorial Cuarto Próprio, 2002, p. 235.

⁹ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Antonio Skármeta. *Soñé que la nieve ardía* (Barcelona: Planeta, 1975). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 35.

As outras duas obras resenhadas, as quais destacamos neste primeiro número da revista *Literatura Chilena en el Exilio*, foram, elas, sim, representativas no que se refere à narrativa de corte testemunhal, quais sejam, *Tejas Verdes*, *Diario de un campo de concentración en Chile*, de Hernán Valdés, e *Prisión en Chile*, de Alejandro Witker. Os dois livros resultaram da tentativa de seus autores de recorrerem, em forma de relatos, a experiências pessoais da repressão institucionalizada em distintos “campos de concentração” do Chile, expondo uma radiografia da ditadura de Augusto Pinochet em seus primeiros anos, embora o tenham feito com recursos e estilos literários particulares a cada texto. Sobre *Tejas Verdes*, assim se referiram os editores de *Literatura Chilena en el Exilio*:

La primera vez que se lee este libro se tiene la sensación vertiginosa de haber visto un film prohibido, un encadenamiento de violentos noticieros; la cólera, el horror, la vergüenza vienen después como acción retardada. Valdés narra con absoluta veracidad y sin temor. La verdad le da fuerza, el valor le da vuelo, su parquedad lo carga de pasión. El testimonio se convierte en obra de arte que seguirá leyéndose en Chile y fuera de Chile cuando todas las historias se hayan cerrado [...].¹⁰

A possibilidade de narrar, *a posteriore*, a trágica experiência da repressão no Chile, por parte da literatura de testemunho, adquiriu, sobretudo na segunda metade dos anos 1980, um sentido, em geral, mais metafórico na utilização da linguagem e não tão explícito em relação ao regime ditatorial, à censura e à repressão – diferentemente de *Tejas Verdes* e *Prisión en Chile* –, resultando na diversificação cada vez maior dos *testimonios*.¹¹ Por ora, todavia, concentremo-nos na crítica literária que tematizou sobre a narrativa testemunhal dos anos 1970 e começo dos 1980, para a qual, dado o caráter emergencial e muitas vezes vital que a literatura adquiriu naquele contexto chileno, não se admitia um tipo de linguagem que não se expressasse de maneira simples, direta e explícita no que diz respeito à memória e a consequente denúncia à violência política das forças repressivas da Junta Militar encabeçada por Augusto Pinochet.

¹⁰ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Hernán Valdés. *Tejas Verdes*, *Diario de un campo de concentración en Chile* (Barcelona, Ariel, 1974). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 35. O outro livro mencionado acima, devidamente referenciado, foi Alejandro Witker. *Prisión en Chile* (México: Fondo de Cultura Económica, 1975).

¹¹ Ver STREJILEVICH, Nora. *El arte de no olvidar*: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90. Buenos Aires: Catálogos, 2006, p. 31.

A breve análise feita do livro *La Cienaga* (1975), de Matilde Ladrón de Guevara, pelos editores da revista, evidenciou a importância dada à linguagem viva e direta da literatura de testemunho naquele período de ditadura e de exílio. Os estritos cânones literários, bem como a maneira padronizada e acadêmica de avaliar a qualidade lírica e estética de uma obra, não serviriam de parâmetro para a análise do tipo de literatura que surgia como resposta às condições de violência e de repressão política. Aqui, a crítica pareceu separar o leitor comum dos próprios críticos literários, que não reconheceriam no livro de Ladrón de Guevara, necessariamente, virtudes técnicas da escrita. Mas, cabe a indagação a partir da resenha, qual a real importância da qualidade formal da escrita diante da sua utilização emergencial enquanto forma de resistência e, mesmo, podemos dizer, de sobrevivência? Seria realmente necessária a exigência, por parte da crítica literária, de qualidades estéticas nos *testimonios* ou sua missão principal consistiria, naquele contexto, em denunciar as atrocidades contra os direitos humanos cometidas pela ditadura? A resposta a essas indagações encontra-se na citação abaixo, extraída da resenha do livro de Matilde Ladrón de Guevara, resposta esta que parece fazer-se presente em grande parte das críticas publicadas em *Literatura Chilena en el Exilio* a respeito da literatura produzida sob aquelas condições históricas:

Se comprende el amplio interés que ha despertado esta vigorosa novela de Matilde Ladrón de Guevara. Escrita bajo el fuego cruzado de la violencia política chilena de 1973, sorprende por su fondo documental lleno de apasionantes detalles e inesperadas revelaciones. El lector de la literatura chilena en el exilio verá aquí una novela en clave: identificará personajes, comprobará heroísmos y cardas, seguirá de cerca a la autora en su dolorosa y airada búsqueda de la razón del drama. El crítico literario, por su parte, verificará una vez más cuán difícil es el arte del testimonio novelesco. Porque, naturalmente, Matilde Ladrón de Guevara está demasiado cerca de la tragedia. Describe con pericia, pero también protesta, denuncia y condena con elocuencia. Su voz, a ratos lírica y, a ratos, tribunicia e histórica, es la voz de una mujer que reacciona con valentía y dignidad herida por los golpes de la dictadura. Sus personajes son más que individuos. Representan el sufrimiento de un pueblo, el estoicismo de quienes caen y se levantan para seguir combatiendo. No es posible aplicarle a esta obra estrictos cánones literarios. ¿Cómo pedirle técnica a un alegato de vida o muerte? Estilo, si lo tiene, ejemplar, vibrante, muy de acuerdo con la riqueza de su carrera como poeta y prosista.¹²

¹² LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Matilde Ladrón de Guevara. *La Cienaga* (Buenos Aires: Editorial Nueva, 1a. ed. 1975, 2a. ed. 1976). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 36.

Em um sentido muito próximo a essa perspectiva, Juan Armando Epple publicou sua resenha crítica do livro *Malas Juntas* (1978), do escritor chileno exilado no Canadá, Leandro Urbina, em *Literatura Chilena en el Exilio*, nº 14 – última edição da revista com este nome. Ao refletir sobre a obra, observou a importância da linguagem intensa, natural, direta e precisa dos relatos presentes na literatura de Urbina. Segundo Epple, que compôs o conselho editorial da revista *Literatura Chilena en el Exilio*, como já apresentamos, o mérito literário de Leandro Urbina era possuir uma linguagem “alejado de tentaciones retóricas y de preocupaciones por acrecentar la figura del narrador, buscando en cambio despejar el camino para dejar fluir con mayor nitidez la historia”.¹³ Para o crítico chileno, portanto, a importância da obra de Leandro Urbina consistia na capacidade que o escritor possuía de se aproximar, com sua trama ficcional de corte testemunhal, à experiência do vivido,

en este íntimo acto de rescatar el mundo inmediato a través de la memoria, la base necesaria para ir descubriendo la realidad. Contar cómo fueron las cosas es, nuevamente, un requisito para que esa lectura significativa del mundo que es la literatura tenga una base firme.¹⁴

Interpretamos que a pretensa ideia do estatuto da verdade na obra literária fazia todo sentido naquela conjuntura histórica específica. A interpretação de Fernando Alegría reforça essa ideia. Sobre os testemunhos surgidos a partir de setembro de 1973, ele afirmou que “la severidad espeluznante de los hechos contados es tan filosa que no admite regodeos retóricos de ninguna clase” por parte dos escritores. Não se deveria, referiu-se Alegría, “cair na literatura pela literatura”.¹⁵ Tal argumentação do crítico e diretor de *Literatura Chilena en el Exilio* foi feita a partir da análise que desenvolveu sobre o livro publicado pelo jovem escritor chileno Ilario Da, *Relato en el frente chileno*, de 1977, cuja crítica foi publicada na seção *Libros de Literatura Chilena en el Exilio* em 1978, nº7. Fernando Alegría enfatizou o talento de um escritor que, surgido no contexto ditatorial em razão de se opor ao *status quo* político através da literatura, conseguiu aliar, em sua obra testemunhal,

¹³ EPPLE, Juan Armando. Libros. José Leandro Urbina. Las malas juntas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 14, 1980, p. 31.

¹⁴ Ibid., p. 31.

¹⁵ ALEGRÍA, Fernando. Libros. Ilario Da. Relatos en el Frente Chileno (Barcelona: Editorial Blume, 1977). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 34.

técnica literária com compromisso político, junção necessária naquele momento histórico:

Ilario Da, a los 21 años, ha escrito un libro memorable, clásico, a la altura de los más conmovedores documentos literarios antifascistas del siglo veinte. Da es un narrador nato, que maneja los resortes de la estructura novelesca con maestría instintiva, que nunca se deja dominar por el lenguaje y que va creando un suspense irresistible, porque de suspense está hecha su vida. [...] Ilario Da lo dice con sencillez, con arte natural, con todo el poder de la resistencia de quien cayó a los 18 años, fué arrastrado de un campo a otro de torturas, hasta que los conoció todos, soportó cuanto suplicio físico y psicológico le aplicaron los expertos de la contra-insurgencia, y vivió y sobrevivió para contar el cuento con voz varonil, noble, plena de juventude y confianza en el triunfo final.¹⁶

Assim, ao abordarmos a crítica literária na revista referente à literatura chilena do pós-golpe, com ênfase na narrativa testemunhal, constitui-se tarefa premente a análise das contribuições de Fernando Alegría, um dos principais colaboradores de *Literatura Chilena en el Exilio*. Observando as etapas pelas quais a literatura política e testemunhal teria passado no Chile em seu curto espaço de atuação desde o golpe, Alegría afirmou que:

Chile, dirán los cronistas refiriendose a los años que vivimos, fué un gran testimonio vertido en letras de fuego. Y tendrán razón. En lo que va desde 1973 a 1978 [momento de publicação desta crítica literária] se han publicado libros que recuentan la experiencia de la tortura, el exilio, y la muerte, en términos de un humanismo trágico no conocido antes en nuestra patria. Todos estos libros tienen en común ciertos factores que es bueno señalar: la narrativa testimonial del propio sacrificio cede poco a poco a un balance entre líneas de las causas de la tragedia y a una constatación de un profundo cambio de conciencia en las víctimas.¹⁷

Entendemos que se faz essencial a interpretação, por Fernando Alegría, da função da literatura¹⁸, se pretendemos compreender melhor como teria se projetado o editorialismo programático que orientou a seleção, publicação e divulgação, por parte do conselho editorial, da crítica e textos literários na revista *Literatura Chilena en el Exilio*. Assim, para Alegría,

¹⁶ Ibid., p. 34.

¹⁷ Ibid., p. 34.

¹⁸ Destacamos o livro *Literatura y Revolución*, de Fernando Alegría, como fonte relevante na qual o autor explicitara sua posição a respeito da literatura em vertente próxima a colocada aqui a partir das revistas, embora o contexto de produção da obra tenha sido outro, anterior ao golpe militar de 1973. Cf. ALEGRÍA, Fernando. *Literatura y revolución*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

[...] Literatura [...] no es solamente un cuerpo de narrativa, dramaturgia, poesía o ensayística, que adquiere su estructura y su ambiente vital por el simple peso de su testimonio creativo. Es algo más, o quizá sea mejor decir, algo diferente. Debe serlo si por creación estética entendemos un modo de comunicar una visión crítica del mundo en que vivimos y la tentación sagrada de actuar sobre ese mundo para desconstruirlo y reconstruirlo de manera que se aproxime a las imágenes en las cuales quisiéramos mirarnos integralmente. Es posible concebir una literatura sin ideología? Me parece dudoso y, acaso, más dudoso aún imaginar a un creador literario que escriba al azar, como decir, siguiendo la dirección de los vientos.¹⁹

O debate sobre o suposto conflito entre os valores políticos e estéticos na literatura tornou-se frequente nas críticas de Fernando Alegría publicadas em *Literatura Chilena en el Exilio*. Nelas, como já foi possível perceber em nossas análises e no último trecho supracitado, extraído de outra revista chilena de exílio, *Araucaria de Chile*, o crítico e escritor chileno não hesitou em apontar para a junção de ambas as possibilidades em razão, como ficou evidente, de não haver uma criação literária estética pura e simples, sem se pautar por vínculos ideológicos. Diríamos mesmo que, dada a conjuntura histórica do Chile após 1973, a função política da literatura, em Fernando Alegría, realçava-se em importância se confrontada com a velha discussão entre a possibilidade de compatibilidade entre estética e política. Para Alegría, portanto, pelas leituras que fazemos de suas análises na revista *Literatura Chilena en el Exilio*, o estético estivera condicionado à instrumentalização da literatura como bem cultural de resistência política à ditadura chilena, embora a questão formal do texto literário, ressalvemos, não fosse desprezada em hipótese alguma por ele.

Outras tantas obras cujas resenhas foram publicadas na revista dialogaram fortemente com o político, evidenciando a proeminência dada à literatura de resistência política por *Literatura Chilena en el Exilio*. Não será possível neste texto destacar todas elas.²⁰ Assim, além daquelas já mencionadas - consideradas ou que

¹⁹ ALEGRÍA, Fernando. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, 1982, p. 113.

²⁰ Como nota, vale a menção a livros importantes publicados no exílio cujas resenhas críticas foram veiculadas em *Literatura Chilena en el Exilio*: SUBERCASEAUX, Bernardo. Libros. Poli Délano. En este lugar sagrado. Editorial Grijalbo, México, 1977. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 35-36; LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Sergio Macias (selección y prólogo). Los poetas chilenos luchan contra el fascismo. (Editado por el Comité Chile Antifascista, Berlín, República Democrática Alemana, 1977). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 33.

possuíram correlação com o gênero *testimonio* -, torna-se relevante apresentar também que valores e sujeitos diretamente ligados às culturas políticas de esquerda no Chile estiveram presentes nas resenhas bibliográficas. Destacamos algumas resenhas como representativas de um tipo de seleção, tanto de textos quanto de colaboradores, feito pelos editores da revista, que evidencia as bases de seu editorialismo programático.

A experiência de governo de Salvador Allende, à frente da Unidade Popular (UP), foi contemplada nas análises realizadas pelo crítico e escritor chileno Armando Cassigoli a respeito do livro *El sueño no fue ametrallado*, da escritora búlgara Lada Galina. Cassigoli esclareceu que Lada Galina esteve no Chile a convite da *Sociedad de Escritores de Chile*, em 1973, durante os tensos momentos políticos pelos quais atravessaram o governo de Salvador Allende, meses antes do golpe militar em setembro. O livro, tido como um testemunho por Armando Cassigoli, retratou exatamente os momentos políticos candentes no país naquele ano. Com um tom elogioso ao período de governo da UP e ao povo chileno que o apoiava, Cassigoli assim comentou o trabalho de Lada Galina:

El sueño no fué ametrallado es un documento de incalculable valor que además tiene el mérito de haber sido escrito con un profundo amor por el proceso chileno durante la Unidad Popular, y por el pueblo de Chile que lo llevó a cabo. En las últimas páginas de esta obra testimonial, la autora se refiere a la repercusión internacional que ha tenido la persecución de la Junta en contra de la inteligencia y el espíritu chilenos y que creemos necesario recordar una vez más.²¹

No entanto, concernente aos elementos presentes nas culturas políticas socialista e comunista no Chile, suscitados nas resenhas publicadas na revista *Literatura Chilena en el Exilio*, mais do que as referências à UP, ganharam relevo personagens importantes historicamente vinculados às esquerdas do país. Dentre eles, citamos: o general Carlos Prats,²² fiel ao governo de Salvador Allende e assassinado pelos agentes da Junta Militar chilena em 1974, em Buenos Aires; o

²¹ CASSIGOLI. Armando. Libros. Lada Galina. *El sueño no fue ametrallado*. Bulgaria: Sofia Press, 1976. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 35.

²² LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Carlos Prats, una vida por la legalidade (México: Fondo de Cultura Económica. Colección Popular, 1976). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, 1977, p. 34.

músico, ativista político e militante comunista Victor Jara,²³ também vítima da repressão poucos dias após o golpe militar; Violeta Parra,²⁴ cantora e compositora que ajudou a divulgar canções populares e folclóricas chilenas, lançando as bases para o surgimento da *Nueva Canción Chilena*²⁵; e, em especial, Pablo Neruda, consagrado poeta chileno, político, membro do Partido Comunista de Chile (PCCh) e um dos intelectuais mais próximos a Salvador Allende.

Sobre Neruda, publicou-se a análise de Juan Armando Epple a respeito do livro *For Neruda, for Chile: an international anthology*, editado pelo poeta norte-americano Walter Lowenfelds, que compilou uma seleção de poemas em homenagem ao poeta chileno e em solidariedade à causa chilena de resistência ao regime pinochetista. Segundo Epple, o conjunto de poemas selecionados na antología “se hermanan con la mejor tradición de la poesía social enriquecida y dignificada por Neruda”.²⁶ Na resenha, o crítico literário enfatizou, como se observa, o compromisso social e político presente na poesia de Pablo Neruda, o que em muito dialoga com a literatura de resistência política chilena criada sob a ditadura. Ressaltou-se, portanto, o teor politizado da obra do poeta comunista. A crítica deixa entrever, ainda, através da junção entre literatura e engajamento político em Pablo Neruda, qual deveria ser a função do intelectual, sobretudo na conjuntura histórica autoritária que se apresentava para os chilenos.

Como consideração final, defendemos, em concordância com Fernanda Beigel, que certos paradigmas da crítica ganham espaço preferencialmente nas revistas culturais, difundindo novas práticas e novos projetos, o que nos permite visualizar correntes literárias que formam parte de um período cultural e político

²³ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Antología. Victor Jara, his life and songs (London: Essex House, 1976). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 36.

²⁴ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Patricio Manns. Violeta Parra, la guitare indocile (Paris: Cerf, 1977). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 34.

²⁵ Movimento artístico-político amplo, complexo e diversificado no que diz respeito às experimentações de forma de canções, de composições musicais e de instrumentos utilizados, mas que adquiriu uma unidade “en la perspectiva ética frente a la injusticia y la miseria, un movimiento solidario en la convicción de que se vivía en un sistema injusto no solo en Chile sino en toda América Latina”. SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011, p. 233.

²⁶ EPPLE, Juan Armando. Libros. Walter Lowenfelds. *For Neruda, for Chile: an international anthology* (Boston: Beacon Press, 1975). *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 36.

específico.²⁷ Dessa maneira, ao transportarmos essas perspectivas para a revista *Literatura Chilena en el Exilio*, reiteramos a ideia de que o impresso contribuiu sobremaneira, através da crítica, na promoção e afirmação de uma literatura que se relacionava fortemente com o político. O exílio e o caráter oposicionista da revista e das obras resenhadas, todas produzidas sob condições semelhantes, certamente influíram na correspondência que existiu entre revista, colaboradores e livros analisados, apontando para certa homogeneidade de discursos construídos a partir do editorialismo programático de *Literatura Chilena en el Exilio*, pautado pela resistência à ditadura e pela reconstrução de alicerces institucionais democráticos, dentro do campo ideológico das esquerdas chilenas. A literatura de testemunho adquiriu, então, na revista, posição de destaque, dada a resignificação que esse gênero obteve no âmbito literário chileno após 1973.

Referências Bibliográficas:

ALEGRÍA, Fernando. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. **Araucaria de Chile**, Madrid, n. 19, p. 113-119, 1982.

_____. Libros. Ilario Da. Relatos en el Frente Chileno (Barcelona: Editorial Blume, 1977). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 7, p. 34, 1978.

_____. **Literatura y revolución**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. **Utopia y Praxis Latinoamericana**, Maracaibo, año 8, n. 20, p. 105-115, marzo 2003.

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e Historiografia. In: MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO, Cecília (org). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 29-47.

CASSIGOLI, Armando. Libros. Lada Galina. El sueño no fue ametrallado. Bulgaria: Sofia Press, 1976. **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 7, p. 35, 1978.

EPPLÉ, Juan Armando. Libros. José Leandro Urbina. Las malas juntas. **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 14, p. 31, 1980.

²⁷ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopia y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, año 8, n. 20, marzo 2003, p. 110.

_____. Libros. Walter Lowenfels. For Neruda, for Chile: an international anthology (Boston: Beacon Press, 1975). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 7, p. 36, 1978.

LAZZARA, Michael J. **Los Años de Silencio: Conversaciones con narradores chilenos que escribieron bajo la ditadura**. Santiago: Editorial Cuarto Próprio, 2002.

LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Libros. Antología. Víctor Jara, his life and songs (London: Essex House, 1976). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 3, p. 36, 1977.

_____. Libros. Antonio Skármeta. Soñé que la nieve ardía (Barcelona: Planeta, 1975). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 1, p. 35, 1977.

_____. Libros. Carlos Prats, una vida por la legalidad (México: Fondo de Cultura Económica. Colección Popular, 1976). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 2, p. 34, 1977.

_____. Libros. Hernán Valdés. Tejas Verdes, Diario de un campo de concentración en Chile (Barcelona, Ariel, 1974). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 1, p. 35, 1977.

_____. Libros. Matilde Ladron de Guevara. La Cienaga (Buenos Aires: Editorial Nueva, 1a. ed. 1975, 2a. ed. 1976). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 5, p. 36, 1978.

_____. Libros. Patricio Manns. Violeta Parra, la guitare indocile (Paris: Cerf, 1977). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 4, p. 34, 1977.

_____. Libros. Sergio Macias (selección y prólogo). Los poetas chilenos luchan contra el fascismo. (Editado por el Comité Chile Antifascista, Berlín, República Democrática Alemana, 1977). **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles, n. 8, p. 33, 1978.

LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. David Valjalo. **Literatura Chilena, Creación y Crítica**, Santiago, n. 52 al 54, p. 137, 1990.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). **Culturas Políticas na História: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 13-38.

PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 456-470.

SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier. **La patria interrumpida: latinoamericanos en el exilio (siglos XVIII-XX)**. Santiago: LOM Ediciones, 2010.

STREJILEVICH, Nora. **El arte de no olvidar: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90**. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

SUBERCASEAUX, Bernardo. **Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011.

_____. Libros. Poli Délano. En este lugar sagrado. Editorial Grijalbo, México, 1977. **Literatura Chilena en el Exilio**, Los Angeles: Ediciones de la Frontera, n. 7, p. 35-36, 1978.

WYMAN, Eva Goldschmidt. **Los poetas y el general: voces de oposición en Chile bajo Augusto Pinochet (1973-1989)**. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

Páginas de internet:

Fernando Alegría (1918-2005), una fundación imaginaria de Chile. Em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3422.html>. Acceso em 25/06/2013.